

## TRADITIONAL JEWELLERY OF THE MEDITERRANEAN

At the dawn of our era, the Greek geographer Strabo devoted a section of his *Geographica* to praising the auriferous wealth of the Iberian Peninsula, particularly the southwestern regions (*Geog.* 3.2.8), and archaeology has shown this praise to be warranted. From the start of the Metal Age, gold was the favoured medium for experimentation and the preferred means of producing luxury objects: large jewellery pieces of solid gold (some weighing well over two pounds), which marked the end of the Bronze Age.

This wealth, and the trade of other metals – such as bronze, an alloy; its constituent parts, copper and tin; and iron, the technology of which had an impact at civilisational level – established a network of contacts covering the entire Mediterranean and the Atlantic. Ore, as well as finished objects (or sometimes scrap-metal) travelled, as did luxury products of eastern origin – from the Levant, Asia Minor, Egypt – which the Phoenicians produced according to artistic styles that mixed several of these influences.

In this way, the Phoenicians brought to the peninsula new techniques in goldsmithing, such as filigree and granulation, and demonstrated the hitherto unsuspected potentials of other previously known techniques, such as the stamping of fine sheets as a decorative process. New types of jewellery also became popular, among them the *arrecada* (an earring with a double hanging system). Earrings were not unknown in Bronze Age jewellery, but the surge in their use during the Iron Age revealed a social trend with broader roots, with which the technology kept pace: the increased value placed on jewellery for women.

Jewellery was imported from the east, but the impact was much more profound, and Iberian goldsmiths quickly learned and used these new techniques. There are even some cases of pieces that, from a formal and constructional point of view, are typical of the Bronze Age, but which were decorated with details of eastern inspiration.

The production of large, ostentatious jewellery, however, was abandoned – perhaps because other ways were found to express the affirmation of power – and these Iberian goldsmiths, over generations, created new models, some highly original, always based on the Mediterranean influences of old.

This issue shows an example of an imported piece and another piece produced on the Peninsula.

The *Gaio arrecada* is a 'trumpet earring,' characteristic for its crescent-shaped body that holds a decorative crown composed of various trumpets. It is a hollow earring, formed of multiple stamped pieces, which heighten its visual impact with a minimum amount of the precious metal. It can be dated to the late 7<sup>th</sup> or early 6<sup>th</sup> century B.C.E. Of particular interest is the point where each of the trumpets is joined to the crescent-shaped body by a minuscule human head, which represents the Egyptian goddess *Hathor*.

The *arrecadas* were found in a grave in the Sines region of Portugal, along with other pieces of goldwork and imported objects, constituting a funerary hoard of considerable worth.

Monte Molião, near Lagos, was a significant indigenous settlement on the Algarve coast throughout the Iron Age.

The *Monte Molião arrecada* is a 'spirals pendant earring,' characteristic for its plaque of six contiguous spirals (arranged in an inverted pyramid: 3-2-1), each decorated with a central granule, and with other filigree appliqué in other parts of the earring, which also had some settings for semi-precious stones (we know that carnelian and turquoise, at least, were used) or glass paste, of which remain only the prongs to hold the stone in place). Datable to the early 5<sup>th</sup> century B.C.E., it is typical of production in the southwest of the peninsula; a related workshop operating in Cabeça de Vaíamonte (Estremoz) produced filigree earrings during the late 2<sup>nd</sup> century B.C.E.

Virgílio Hipólito Correia

## Dados Técnicos / Technical Data

**Emissão / issue** - 2021 / 07 / 09

**Selos / stamps**  
€0,54 - 100 000  
€0,88 - 100 000

**Design**  
Atelier Design&etc / Hélder Soares

**Créditos / credits**  
**€0,54** Arrecada do Monte Molião, séc. V a.C.  
foto / photo: José Pessoa / Museu Municipal de Sines.  
DGPC/ADF

**€0,88** Arrecada do Gaio, séc. VI a.C.  
foto / photo: Luísa Oliveira / Museu Nacional de Arqueologia.  
DGPC/ADF

**Capa da página / brochure cover**  
Bracelete de Torre Vã, Bronze final.  
foto / photo: José Pessoa / Museu Nacional de Arqueologia.  
DGPC/ADF

**Sobrescrito de 1.º dia / FDC**  
Brinco de Santana de Cambas, Idade do Ferro Antigo.  
foto / photo: Júlia Redondo / Museu Nacional de Arqueologia.  
DGPC/ADF

**Tradução / translation**  
Kennis Translations

**Agradecimentos / acknowledgments**  
Museu Municipal de Sines

**Papel / paper:** FSC 110g/m<sup>2</sup>

**Formato / size:** 40 x 30,6 mm

**Picotagem / perforation**  
12 ¼ x 12 e Cruz de Cristo / and Cross of Christ

**Impressão / printing:** offset

**Impressor / printer:** Cartor

**Folhas / sheets:** Com 50 ex. / with 50 copies

**Sobrescrito de 1.º dia / FDC:** C6 – €0,56

**Página / brochure:** €0,85

**Obliterações do 1.º dia**  
**First-day Cancellations**

Loja CTT Restauradores  
Praça dos Restauradores, n.º 58  
1250-998 LISBOA

Loja CTT Município  
Rua Gonçalo Cristóvão, n.º 136  
4000-999 PORTO

Loja CTT Zarco  
Av. Zarco  
9000-069 FUNCHAL

Loja CTT Antero de Quental  
Av. Antero de Quental  
9500-160 PONTA DELGADA

**Encomendas a / Orders to**  
FILATELIA  
Rua João Saraiva, n.º 9  
1700-248 LISBOA

**Colecionadores / collectors**  
filatelia@ctt.pt  
www.ctt.pt  
www.facebook.com / Filateliactt

O produto final pode apresentar pequenas diferenças.  
Slight differences may occur in the final product.

Design: Atelier Design&etc  
Impressão / printing: Futuro Lda.



# JOIAS do MEDITERRÂNEO



O geógrafo grego Estrabão dedicou, nos inícios da nossa era, uma secção da sua Geografia ao elogio da riqueza aurífera da Península Ibérica, em particular ao seu Sudoeste (Geog. 3.2.8), e a arqueologia faz jus a esse elogio. Desde o início das idades dos metais a ourivesaria foi campo privilegiado de experimentação e meio preferido de produção de objetos de prestígio: grandes joias de ouro maciço (chegando a pesar bem mais um quilograma), que marcam o final da Idade do Bronze.

Esta riqueza, e o intercâmbio de outros metais - como o bronze, em liga; os seus constituintes, o cobre e o estanho; ou o ferro, cuja tecnologia teve um impacto civilizacional - estabeleceram uma rede de contactos abrangendo todo o Mediterrâneo e o Atlântico. Minério, mas também objetos acabados (por vezes mesmo sob a forma de sucata) viajavam, tal como viajavam produtos de luxo de origem oriental - levantina, minor-asiática, egípcia - que os fenícios produziam de acordo com estilos artísticos que misturavam várias destas influências.

Desta forma, os fenícios trouxeram para a Península técnicas novas na ourivesaria, como a filigrana e o granulado, e demonstraram possibilidades até aí insuspeitadas de outras técnicas já conhecidas, como a estampagem de finas lâminas como processo decorativo. Tornaram também populares novas tipologias de joias, entre elas a arrecada (um brinco com duplo sistema de suspensão). Os brincos não eram desconhecidos na joalheria da Idade do Bronze, mas a explosão do seu uso ao longo da Idade do Ferro, revela uma tendência social de raízes mais largas, que a tecnologia acompanha: a valorização das joias destinadas à mulher.

Houve importações de joias orientais, mas o impacto foi muito mais profundo, e os próprios ourives peninsulares rapidamente aprenderam e aplicaram essas novas técnicas. Existem até alguns casos de peças que são, do ponto de vista formal e da sua construção, típicas da Idade do Bronze, mas foram decoradas já com pormenores de inspiração oriental.

Mas a produção de grandes joias de aparato foi abandonada - talvez porque a afirmação do poder, que elas garantiam, escolheu outras formas de expressão - e esses ourives peninsulares, ao longo de gerações, criaram novos modelos, alguns de enorme originalidade, sempre baseados nas influências mediterrânicas antes recebidas.

A presente emissão recolhe um exemplo de uma peça importada e outro de uma peça de produção peninsular.

A arrecada do Gaio é uma «arrecada de trompetas», característica pelo seu corpo lunular que suporta uma coroa decorativa composta por várias trompetas. É uma joia oca, formada por uma multiplicidade de peças estampadas, que potencia o impacto visual com um mínimo



de metal precioso. É datável dos finais do séc. VII a.C. ou da primeira metade do séc. VI. Especialmente interessante é o pormenor de cada uma das trompetas ser unida ao corpo lunular por uma minúscula cabeça humana, que representa a deusa egípcia *Hathor*.

As arrecadas foram encontradas numa sepultura na região de Sines, com outras peças de ourivesaria e objetos importados, constituindo um mobiliário funerário de assinalável riqueza.

O Monte Molião, próximo de Lagos, foi um importante povoado indígena da costa algarvia ao longo de toda a Idade do Ferro.

A arrecada do Monte Molião é uma «arrecada com pendente de espirais», característica pela sua placa formada por seis espirais contíguas (dispostas em pirâmide invertida: 3-2-1), cada uma delas decorada por um grânulo central, e com outras aplicações de filigrana noutras partes da joia que tinha, para além disso, alguns engastes de pedras semipreciosas (sabe-se que eram usadas a cornalina e a turquesa, pelo menos) ou pasta de vidro, de que atualmente só restam as tiras de retenção. Datável nos inícios do séc. V a.C., é uma produção típica do Sudoeste peninsular; uma oficina relacionada que estava instalada na Cabeça de Vaiamonte (Estremoz), e aí produzia brincos de filigrana nos finais do séc. II a.C.

Virgílio Hipólito Correia

